

Con. Brasil

SEU DINHEIRO EM PLENO NEVOEIRO

Jorge J. Okubaro

Não estamos tão perdidos feito cachorro que caiu do caminhão de mudança, mas também não podemos nos iludir: estamos sem rumo definido. Para esse desnorreamento, no entanto, temos uma razão tão forte que podemos ficar tranquilos com nosso travesseiro. A crise — inflação, desemprego, perda de renda, queda da produção — é tão séria que nos impede de pensar além da semana que vem, justificamo-nos intimamente.

A justificativa é procedente. A espessa névoa das incertezas econômicas, como os nevoeiros ainda frequentes nesta época do ano na descida da serra, exige que se use o farol baixo. Mesmo assim, só conseguimos enxergar alguns metros adiante do nosso nariz, o suficiente, quando muito, para evitar uma trombada. Farol alto, nesse caso, só consegue mostrar uma imensa massa branca à nossa frente.

No entanto, temos de começar a pensar, e seriamente, no futuro, se não quisermos perdê-lo. Na semana passada, essa questão foi colocada com muita propriedade por três conhecidos economistas.

Em artigo que publicou no **Jornal da Tarde** de terça-feira, o ex-

ministro da Fazenda e do Planejamento Paulo Haddad mostrou como os sucessivos planos de estabilização colocados em prática no Brasil desde o início dos anos 80 prejudicaram o crescimento, pioraram a distribuição social da renda e não conseguiram atingir a estabilidade almejada. Criou-se, com esses planos, um falso conflito entre objetivos imediatos (a estabilização) e os de médio e longo prazo (um desenvolvimento estável e mais equilibrado). Haddad defende, com toda a razão, que os programas de estabilização precisam estar articulados com as políticas de desenvolvimento, para que as consequências dos erros do passado não sejam agravadas. Para isso, é necessário que o País volte a pensar no futuro, volte a planejar seu desenvolvimento.

Biotechnology e carne seca

Outro economista que, mesmo no meio de todas as dificuldades atuais, procura alargar os horizontes é Pêrsio Arida. Ao tomar posse na presidência do BNDES, Arida afirmou que "devemos iniciar agora o desenho do banco que melhor pode servir ao País no contexto de uma economia estabilizada e aberta". Nesse contexto, imagina Arida,

haverá maiores demandas pelo aumento da competitividade e maior disponibilidade de financiamentos de longo prazo no sistema bancário privado (hoje, só o BNDES oferece esse tipo de financiamento), razão pela qual o banco por ele presidido deverá desempenhar funções diferentes das atuais.

Com bom humor, o professor Roberto Macedo mostrou que o Brasil corre o risco de ficar não co-

mo o cachorro que caiu do caminhão de mudança, mas como aquele que corre, corre atrás do carro e, quando o alcança, não sabe o que fazer. De que adianta comprarmos a última moda em tecnologia se não tivermos como utilizá-la de maneira inteligente? Ou, dito na linguagem saborosa do professor Macedo, pode-se ter, em todo o País, uma situação como a vivida pelo Nordeste, que, quei-

mando etapas, desenvolve um programa de química fina, mas, para isso, abandonou setores tradicionais e passou a importar de Jundiá a carne seca que produzia e que continua sendo importante item da alimentação de sua população.

Ninguém, é claro, está imaginando que um país em desenvolvimento deva passar por todo o processo de produção de tecnologia pelo qual passaram outros países. Não é necessário reinventar a roda. A tecnologia já está aí, para ser absorvida, mas da maneira que mais ajude — e não que atrapalhe — o desenvolvimento brasileiro.

Conhecimento

A tecnologia é apenas um dos elementos daquilo que os autores internacionais, como o austríaco-americano Peter Drucker (em seu livro mais recente, **Sociedade Pós-Capitalista**, Pioneira Editora), chamam de conhecimento e que está se convertendo no principal recurso econômico à disposição das sociedades. Para Drucker, "conhecimento é informação eficaz em ação, focalizada em resultados". Isso inclui todo tipo de informação que tenha algum efeito sobre a atividade econômica,

inclusive tecnologia.

Se Drucker e outros autores que pensam como ele estiverem certos — e são muitas as evidências de que estejam —, o acesso ao conhecimento há de ser o grande fator de propulsão do crescimento econômico dos próximos anos.

Lembremos, no entanto, que, sem uma população com razoável nível de educação formal, não teremos acesso ao conhecimento no nível exigido por um mundo cada vez mais marcado pela intensa competição e pela globalização, para vermos a imensidão da tarefa que temos pela frente: a de criar um sistema educacional que não apenas possa atender a toda a demanda em termos populacionais, mas sobretudo que ofereça um ensino qualitativamente superior ao que temos hoje. Destruir o sistema educacional público até que não foi difícil; reconstruí-lo, porém, é, numa hipótese otimista, tarefa para duas décadas, se tudo for feito como deve.

Garantir nosso feijão-com-arroz está muito difícil, é verdade, mas se não começarmos desde já a pensar seriamente no que está além do nevoeiro, vai ficar ainda muito mais difícil garantir para nossos filhos e netos.

